

BRINCADEIRAS DE RUA

Iolanda Emília de Aguiar¹

Resumo: O estudo teve como objetivo geral comparar alunos de 4ª série do 1º Grau, de escolas da periferia e do centro da cidade de Marechal Cândido Rondon, quanto à prática de atividades denominadas brincadeiras de rua e quais as mais conhecidas e praticadas. Tendo em vista que devido ao crescimento urbano, a competição, a diversão eletrônica, o trânsito, a falta de segurança nas ruas, etc. as brincadeiras de rua, deixaram de ser praticadas caindo no esquecimento. A população foi constituída por 15 crianças, matriculadas em escolas particulares, do centro da cidade, escolhidas intencionalmente por residirem em apartamentos, e 15 crianças matriculadas em escola situada na periferia, ambas da 4ª série do 1º grau, com idade entre 09 e 12 anos. Elaborou-se um questionário/intervista composto de 10 perguntas referentes ao conhecimento e a prática de brincadeiras de rua. Analisadas as respostas constatamos que as crianças que residem no centro da cidade, parte delas tem vivência das brincadeiras de rua, pelo privilégio de morar em locais onde ainda é possível essa prática. Enquanto outras somente as praticam próximo aos prédios onde moram, sempre supervisionadas por um adulto como também quando vão a locais apropriados como praças e residências de parentes em áreas rurais. E, dentre a amostragem duas crianças que desconhecem totalmente as brincadeiras de rua. As crianças da periferia 100% conhecem e praticam próximas as suas residências e na escola, inúmeras brincadeiras de rua. A criança, cuja especialidade é brincar, enfrenta dificuldades para prática, devido a deficiência do espaço físico, perdendo muito tempo presa dentro de casa ou apartamento, e quando vai à escola, permanece por muito tempo sentada, aprendendo conteúdos de aula. Nas aulas de educação física, não é oportunizada a ela a vivência das velhas brincadeiras de rua, e em casa, os pais não as ensinam por falta de tempo do mundo moderno.

Unitermos: Crianças; educação física; brincadeiras de rua.

¹ Professora Auxiliar do Curso de Educação Física – Unioeste.

1. Introdução

As brincadeiras, principalmente as realizadas ao ar livre, em espaços vagos e denominadas de brincadeiras de rua, por serem praticadas livremente, estão caindo no esquecimento com a tendência de desaparecerem. Atualmente, as ruas não oferecem esta oportunidade, devido ao intenso trânsito de veículos. Velhas, esquecidas e ofuscadas pelo brinquedo eletrônico, a falta de tempo dos pais, o crescimento urbano desenfreado, pela agitada vida do mundo moderno entre outros fatores.

Nos últimos anos, o brinquedo está sendo objeto de estudo com a intenção de dar maior atenção à atividade lúdica e a cultura infantil, por profissionais da área da educação, da psicologia, da medicina entre outras, preocupados em resgatar e oferecer as crianças essa benéfica atividade nas escolas, principalmente as dos grandes centros, onde o espaço antes destinado a prática dessas atividades, estão sendo disputados e ocupados, restando somente poucos locais destinados ao lazer e a recreação das crianças, jovens e adultos. Quanto às crianças da periferia onde ainda há a possibilidade do ato de brincar, muitas delas enfrentam outro tipo de impedimento: o trabalho em idade precoce está tomando dimensões alarmantes. São obrigadas a trabalhar para auxiliar no sustento da família e conseqüentemente estimuladas a assumirem responsabilidades de jovens/adultos precocemente deixando de vivenciar uma importante fase da infância.

1.1 Origens

As brincadeiras existem desde o surgimento do ser humano na face da terra, o ser racional e o irracional brincam, podemos comprovar observando animais, especialmente bastante jovens que brincam observados por seus pais. As brincadeiras não nasceram nas escolas, mas sim nas ruas, nos espaços ao ar livre, como terrenos baldios, e, em vários lugares estão sendo levadas para as escolas como proposta de aulas de educação física escolar com o intuito de resgatar a cultura infantil e enriquecer conteúdos pedagógicos. A brincadeira é universal, e normalmente passa de pai para filho. Muitas brincadeiras como imitação de animais, por exemplo, tem origem na tradição infantil e no imaginário de diversas tribos indígenas Brasil afora, com influência dos portugueses e dos negros.

No Brasil é difícil precisar a origem de tais atividades. Umhas vieram com a colonização portuguesa, com os índios; que foram os primeiros a praticá-las. E assim como os povos indígenas, as brincadeiras também estão prestes a desaparecer. KISHIMOTO (2000:26) conclui que a maioria dos jogos tradicionais infantis incorporados à lúdica brasileira chegou ao país por intermédio dos portugueses, mas já carregavam uma antiga tradição européia, vinda de tempos remotos. Em terras brasileiras, receberam novas influências, aglutinando-se com outros elementos folclóricos como o do povo negro e do índio. Grande número das brincadeiras destacam temáticas do cotidiano do tempo da escravidão, dos engenhos da cana-de-açúcar e das tribos indígenas.

As brincadeiras também conhecidas e denominadas de jogos tradicionais, pois apesar de tudo ainda que raro, são passadas de geração a geração, recebendo denominações diferentes, dependendo da região onde são praticadas e da cultura do povo, como por exemplo, o caçador que recebe o nome de queimada, a pipa de papagaio, estrela, raia, gaiotão ou pandorga, o bets de taco, a amarelinha de sapata, macaco, academia, etc. Segundo KISHIMOTO (2000) a infância carrega consigo as brincadeiras que se perpetuam e se renovam a cada geração.

Antes da revolução industrial a população estava espalhada pelas áreas rurais e havia espaço vago para a prática do brinqueado de rua. Era praticado livremente e envolvia crianças de todas as idades; porém, nos dias atuais, existem crianças que desconhecem esta prática por não terem vivenciado e não terem tido oportunidades. Muitas dessas crianças são filhos de pais que vivenciaram na infância mas que, não repassam aos filhos por motivos semelhantes: falta de tempo, deixando a missão confiada à escola. Esta por sua vez, nem sempre repassa aos seus alunos.

1.2 Valor pedagógico

Através das brincadeiras ao ar livre a criança descobre o mundo pela ação, percepção, sentidos, liberdade, responsabilidade, criatividade, consciência corporal, noções tempo/espaço, etc. KISHIMOTO (2000:50) acrescenta: ...a criança toma iniciativa, planeja, executa, avalia. Enfim, ela aprende a tomar decisões, a introjetar seu contexto social na temática do faz-de-conta. Ela aprende e se desenvolve.

A especialidade da criança é brincar, as brincadeiras ao ar livre criam condições para a criança adquirir consciência do seu corpo, vivenciando na prática conceitos da Educação Física. A criança aprende

a jogar com outras crianças, e não contra. A competição não deve ser uma finalidade na Educação Física, mas sim, uma etapa de aprendizagem, introduzida aos poucos, para propiciar ao aluno condições de conhecer novos movimentos, integrando a disciplina com outras áreas do conhecimento, como por exemplo, a frequência cardíaca aumenta, o ritmo respiratório fica mais acelerado durante o esforço físico, o suor mais intenso, etc. As atividades com jogos lúdicos ajudam bastante nos trabalhos em grupos, assim a criança vai compreendendo e assimilando qual é o seu ritmo, para que se respeite as características de sua individualidade e dos amigos. Muitas brincadeiras só têm graça quando em conjunto: jogar bola, correr atrás do companheiro para pegá-lo ou esconder-se dele, procurar, achar, etc. A criança, cuja especialidade é brincar, enfrenta dificuldades para a prática, devido a deficiência do espaço físico, perdendo muito tempo presa dentro de casa ou apartamento, e quando vai à escola, permanece por muito tempo sentada aprendendo conteúdos de aula.

As brincadeiras recebem denominações diferentes de região para região, dependendo da cultura popular de seu povo.

Além do resgate da cultura popular elas enriquecem os conteúdos pedagógicos. Por exemplo, o **esconde-esconde** é uma atividade que estimula o deslocamento da criança em alta velocidade em trajetos curtos. Seu conteúdo é riquíssimo e com um pouco de criatividade, torna-se extremamente importante na realização do trabalho pedagógico, desde que seja incentivado a variações. Para se esconder, a criança conhece o próprio corpo e estabelece uma relação entre ele e os objetos que serão usados para se ocultar, também o espaço a ser utilizado na brincadeira. Quando é descoberta, precisa decidir se corre ou não para o pique. Em alguns segundos ela avalia a distância entre o local que está escondida, o pegador e o pique, bem como a velocidade necessária para a corrida, faz uma análise rapidamente e entra em ação. Nessa atividade a criança desenvolve noções de: perto, longe, mais, menos veloz, espaço, tempo, bem como processos mentais de cálculos, decisão, reação, entre outras aprendizagens.

Pular amarelinha, que é a brincadeira ideal para as crianças das séries iniciais do ensino fundamental, como atividades em Educação Física, favorece o desenvolvimento da noção espacial, porque a criança tende a pisar ora na casa à direita da pedra, ora à esquerda. Assim ela vai definindo os lados do corpo, o que é muito importante, pois define a lateralidade, a partir de uma consideração de espaço, da posição do corpo

e da força necessária, também mais equilíbrio e força nos membros inferiores, pelos diversos saltos que precisa executar, auxiliando-a na iniciação e fundamentação de várias modalidades desportivas, como por exemplo, o atletismo. FREIRE, (1989) ... a criança orienta-se espacialmente, deslocando-se ora para um lado, ora para o outro, para frente. Serve de suporte para a formação do pensamento lógico, da noção corporal.

NEGRINI (1986) nos coloca que no ensino primário a educação física deve se caracterizar por atividades físicas de caráter recreativo, hábitos higiênicos, desenvolvimento corporal e mental harmônico, melhoria da aptidão física, o despertar do espírito comunitário, criatividade, senso moral e cívico, além de outras atividades que concorrem para completar a formação integral da personalidade.

As Brincadeiras do Pega-pega e Esconde-esconde segundo KISHIMOTO (2000), originaram-se da temática da escravidão e fuga dos negros, criando-se uma variante denominada negro fugido e diversas brincadeiras de perseguição.

Resgatar as brincadeiras da cultura popular, na escola através de atividades não regulamentadas, respeitando o conhecimento adquirido fora da escola e deixando com que as crianças repassem a quem nunca participou dessas brincadeiras, logo elas vão estar se organizando sozinhas, discutindo e estabelecendo metas a atingir como distâncias, tempo rapidez, etc. O papel do professor durante a brincadeira será o de orientador, dando explicações quando lhe forem exigidas e estimulando o aluno a refletir sobre o que está fazendo e a buscar consertar os erros, fazendo com que brinquem juntos para um bom desenvolvimento social.

As brincadeiras em conjunto apóiam o processo da passagem da fase do eu para a do nós. Elas devem ser estimuladas por idéias válidas, não precisam ser jogos normalizados ou regulamentados por adultos, estes, muitas vezes inibem a atividade das crianças o que é justificável pelo excesso de cuidado de quem as dirige DIEM (1981:04).

1.3 Jogos tradicionais

Algumas das brincadeiras realizadas livremente perdem a sua característica própria quando praticados na escola e tornam-se jogos, sistematizados, regulamentados. Delimitações impostas por necessidade com a finalidade de se adaptarem ao espaço, aos instrumentos/objetos utilizados e a realidade do ambiente, com objetivos a serem atingidos e

se transformam em conteúdos educativos. Essas atividades antes realizadas livremente, agora disciplinadas e com características de aulas de educação física com objetivos pré-estabelecidos, instiga na criança o sentido de competitividade. Ela não brinca apenas, ela joga, disputa, compete. Uma pequena dose de competição é até aceitável, pois vivemos num mundo competitivo onde sempre vence o melhor, e, assim ela estará de certa forma preparando-se para a vida, o que não deve acontecer, que a competição tome partido e seja a principal finalidade das atividades físicas escolares.

Não será exclusivamente a nossa vontade de educadores insatisfeitos com os efeitos nefastos que a competição assumiu na sociedade tecnocrática que irá extingui-la das atividades infantis. Não deveria ser função, além disso, da Educação Escolar, eliminar formas culturais de manifestação que provêm de fora da instituição. A competição, como atividade de jogo, sempre existiu. Isso, contudo, não justificaria por si só sua manutenção. Uma doença qualquer que nos acompanha há séculos nem por isso adquire o direito de não ser combatida. O que acontece é que a competição lúdica tem exercido funções importantes: no mínimo, a de manter, nas pessoas e na sociedade, uma característica que, na sua ausência, poderia ter-nos custado a própria existência enquanto espécie (FREIRE, 1989:150-151).

Com o passar dos anos, a criança desenvolve a iniciativa para novas formas de movimento através da competição e comparação com outras. As performances negativas também podem estimular a aprendizagem quando o educador encoraja a criança, por si, deduz novas experimentações da tentativa fracassada. A competição não deve levar à frustração; ela só é válida quando a criança encontra soluções adequadas na comparação com as outras, porque aí aprende a avaliar realmente sua aptidão e seu nível de capacidade. Muitas vezes as crianças estabelecem limites a si mesmas. Elas se observam mutuamente de forma crítica. É típica a expressão durante o jogo "Isto não vale". Mesmo em brincadeiras individuais, as crianças criam suas próprias limitações, como por exemplo, não pisar na linha marcada ao saltitar ou correr mais depressa que o ciclista que esteja passando (DIEM, 1981:18-19).

CHÂTEAU (1987) nos coloca que: ...as regras podem ser inventadas, podem originar-se de uma imitação, aprendida pela tradição; enfim, pode simplesmente resultar de nossa estrutura e de nossos instintos.

4.4 As crianças e a rua

As crianças foram retiradas das suas ruas, pelo perigo que estas oferecem e foram confinadas em locais fechados, como residências em apartamentos com pouco espaço e ainda mais, muitas delas sob os cuidados de *babás eletrônicas*. Será que assim elas estarão livres de *perigos*? Para muitos estão, pois enquanto elas estiverem quietinhas em frente de aparelhos eletrônicos e não incomodando seus pais, não correm perigo, pois estão seguras. Mas, e as *babás eletrônicas*, são totalmente inofensivas?

Vejo uma rua, garotos correndo, meninas pulando corda, gritos, gargalhadas... Ah, a rua! Só falam de tirar as crianças da rua. Para sempre. Eu sonho com as ruas cheias delas. É perigoso, dizem: violência, drogas... E nós adultos, quem nos livrará do perigo urbano? De quem serão as ruas? Da polícia e dos bandidos? Vejo por outro ângulo um dia devolver a rua às crianças ou devolver as crianças às ruas, ficariam ambas mais alegres (FREIRE, 1989).

Instigada pela idéia brilhante de Freire, propus-me a pesquisar em minha cidade, se as brincadeiras de rua eram ainda praticadas e em quais condições, visto que somos moradores de uma pequena e pacata cidade do interior do Paraná, considerada segundo o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) da ONU em 1998 como a 3ª cidade em qualidade de vida no Estado do Paraná. A 3ª melhor em educação e o município com maior índice de longevidade do Estado (expectativa de vida 71,8 anos) segundo informações da SEC (Secretaria de Educação e Cultura) de Marechal Cândido Rondon.

O objetivo geral desta pesquisa foi verificar e comparar, se os alunos de 4ª série do ensino fundamental de escolas da periferia da cidade e, escolas do centro da cidade de Marechal Cândido Rondon, quanto ao conhecimento e a prática das brincadeiras de rua e quais as mais conhecidas e praticadas.

2. Metodologia

Foi aplicado um questionário/entrevista com 10 perguntas, de acordo com os objetivos propostos. A coleta foi realizada intencionalmente com 15 alunos com idade entre 9 e 10 anos, sendo 11 do sexo feminino e 4 do sexo masculino das escola do centro da cidade,

residentes em prédios de apartamentos e 15 alunos moradores na periferia da cidade com idade entre 9 e 12 anos, sendo 5 do sexo feminino e 10 do sexo masculino, da 4ª série do ensino fundamental.

3. Resultados e discussão

Analisadas as respostas constatamos que as crianças que residem no centro da cidade, 40% da amostragem, tem vivência das brincadeiras de rua, pelo privilégio de morar em locais onde ainda é possível essa prática. Enquanto 27% da amostragem, somente as praticam quando vão a locais apropriados como a praça e residências rurais de parentes, 20% da amostragem, praticam algumas delas nos pequenos espaços ao redor dos prédios onde moram, sempre supervisionadas por um adulto. E, para nosso espanto, pois a pesquisa foi realizada numa cidade considerada pequena e de interior, encontramos dentre a amostragem 13% que desconheciam as brincadeiras de rua. Indagadas sobre suas atividades diárias, nos relataram que além do horário normal de aula elas têm aulas de inglês, música, computação, catequese e nos momentos que restam para o lazer, este é realizado em casa frente a um aparelho de TV, computador ou videogame. As crianças da periferia 100% conhecem e praticam próximas as suas residências e na escola inúmeras brincadeiras de rua, dentre elas as mais executadas e citadas foram: Bets ou Taco, Caçador ou Queimada, Amarelinha ou Sapata, Esconde-esconde, Pular corda e Jogos com bola.

4. Considerações finais

A criança, cuja especialidade é brincar, enfrenta dificuldades para prática, devido à deficiência do espaço físico, perdendo muito tempo presa dentro de casa ou apartamento, e quando vai à escola, permanece por muito tempo sentada, aprendendo conteúdos de aula. Confinadas em suas residências, os pais pensam que elas estão livre dos perigos da rua, porém, estão sujeitas a manipulação pela mídia, através da televisão que tem um extraordinário poder de convencimento. Sem querer aprofundar aqui as diferentes conseqüências advindas da inatividade física e da ingestão de guloseimas industrializadas com pequenos valores nutricionais influenciados pelos modismos, na formação de hábitos

alimentares saudáveis, mas, apenas para citar, estamos enfrentando problemas de obesidade infantil que cresce assustadoramente.

Nas aulas de educação física, nem sempre é oportunizado às nossas crianças, a vivência das velhas brincadeiras de rua, e em casa, os pais não as ensinam por falta de tempo do mundo moderno. ANSELMI (1993) afirma que a prática das brincadeiras de rua nas aulas de educação física é a de assegurar a sobrevivência desses jogos populares, cada vez mais esquecidos devido sobretudo ao rápido crescimento urbano brasileiro e à competição da televisão e dos vídeo games. O trânsito e a falta de segurança acabaram empurrando as brincadeiras de rua para as periferias e para as áreas de lazer.

A pesquisa vem confirmar o que está acontecendo nos grandes centros, mesmo sendo realizada numa pequena cidade de interior, o problema já está sendo sentido, que é a falta de espaço para brincar, ruas com trânsito violento, falta de segurança, falta de tempo dos pais e o trabalho em idade precoce.

A brincadeira sempre existiu, com mais ou menos intensidade e em todas as idades. Até os adultos brincam, só que com uma diferença eles chamam as brincadeiras de *hobbies*. Algumas brincadeiras de adulto são até preocupantes e muitas vezes perigosa e porque não dizer, atrevida, pois agora brincam até de *Deus*; estão clonando animais e não satisfeitos, estão prestes a clonar seres humanos.

Referências bibliográficas

- ANSELMI, J.S. **Jogos Populares**. Campinas: UNICAMP, 1993.
- BRUHNS, H.T. **O corpo parceiro e o corpo adversário**. Campinas: Papyrus, 1993.
- CHÂTEAU, J. **O jogo e a criança**. São Paulo: Summus, 1987.
- DIEM, L. **Brincadeiras e esporte no jardim de infância**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.
- FREIRE, J.B. **Educação de corpo inteiro – teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 1989.
- _____. **De corpo e alma: o discurso da motricidade**. São Paulo: Summus, 1991.
- GIRARDI, M.J. Brincar de viver o corpo. In: PICCOLO, V.L.N. (Org.) **Educação Física Escolar: Ser ou não Ter?** Campinas: UNICAMP, 1993.

- GRANDJEAN, O-A. **Jogos ao ar livre em 10 lições**. Rio de Janeiro: Hachette, 1976.
- KISHIMOTO, T.M. **Jogos infantis – o jogo, a criança e a educação**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MIRANDA, N. **Organização das atividades da recreação**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.
- NEGRINI, A. **Educação Psicomotora: lateralidade e orientação espacial**. Porto Alegre: Pallotti, 1986.
- OLIVEIRA, V.B. **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- RODRIGUES, R.P. (Org.) **Brincalhão: uma brinquedoteca itinerante**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SANTOS, M.P. (Org.) **Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SZYMANSKI, M.L.S. Brincadeira é coisa séria. **Informativo UNIOESTE** (17/08/1990), Cascavel, v.2, n.10, p.1, 1990.
- XAVIER, T.P. **Métodos de Ensino em Educação Física**. São Paulo: Monole, 1986.